

FOTO CINE

Boletim

ANO VI — N.º 67

NOVEMBRO — 1951



tudo que precisar em

Cine-Foto

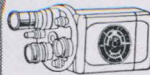
- ☆ Máquinas fotográficas
- ☆ Acessórios para fotografia
- ☆ Acessórios para laboratório
- ☆ Livros e revistas sôbre Cine-Foto
- ☆ Filmes, chapas e papéis
- ☆ Projetores mudos e sonôros
- ☆ Filmadores 8 e 16 mm.
- ☆ Acessórios para cinema
- ☆ Filmoteca de aluguel
- ☆ Filmagens a domicilio
- ☆ Projeções a domicilio
- ☆ **Moderno laboratório**

Vendas pelo Credi-Mesbla

MESBLA

24 DE MAIO, 141

Uma loja completa no centro da cidade





confirma o Prestigio

da **OPTICA
FRANCESA**
atravez do Mundo

Distribuidores para o Brasil **Isnard-Cine-Foto S/A**

MATRIZ:

Rua 24 de Maio, 70/90

Tel.: 34-8191 - (Romals)

São Paulo

CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA O ATACADO

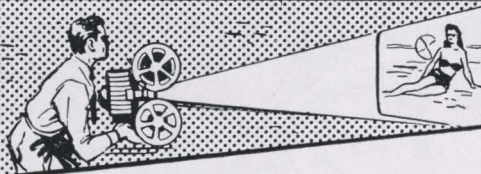
FILIAIS:

Alameda Barros, 161

Tel.: 51-4968 — S. Paulo

R. Evaristo da Veiga, 20

Rio de Janeiro



Para

BOA FOTOGRAFIA e

BOA CINEMATOGRAFIA

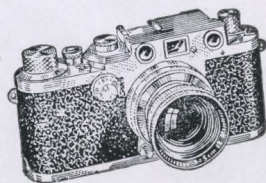
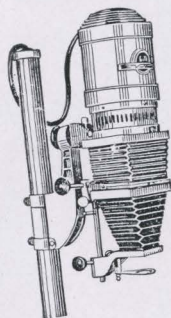
BOA APARELHAGEM



FILMADORES
FOTÔMETROS
AMPLIADORES

MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS
DOS

MELHORES TIPOS
E MARCAS

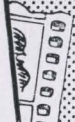


CIPAN

R. D. José de Barros, 238/258 - Tel. 36-6913 - S. Paulo

VENDAS À VISTA E A PRAZO

Xavier - S. P. 14



(Reg. n.º 254)

★

Diretor Responsável:

Dr. Eduardo Salvatore

Diretor de Redação

Dr. Jacob Polacow

Diretor Comercial:

N. Kojranski

Colaboradores:

Aldo A. de Souza Lima
Antonio S. VictorCorrespondentes no
Estrangeiro:**Alejandro C. Del Conte,**
Buenos Aires, Argentina**Marius Guillard**
Lion, França**Domenico C. Di Vietri**
Roma, Itália**Ray Miess**
Wisconsin, Estados Unidos**Geraldo de Barros**
Paris, França**Georges Avramescu**
Arad, RumaniaRedação e Administração:
R. São Bento, 357 - 1.º and.
São Paulo — Brasil**NOSSA CAPA**

"CURVAS"

Eduardo Ayrosa

(Do Concurso de outubro)

SUMÁRIO

	Pg.
A NOTA DO MÊS	5
A FOTOGRAFIA COMO ELEMENTO CREADOR PIM VAN OS	6
CONSIDERAÇÕES SÔBRE O MOMENTO FO- TOGRÁFICO	10
E. SALVATORE	
O Xº SALÃO NA OPINIÃO DE "IRIS"	18
CINEMA EM 16 mm., O BANCO DO BRASIL, A BUROCRACIA E OUTRAS PRAGAS ..	21
A CONVENÇÃO DA P. S. A.	27
RAY MIESS	

—◆—

ATIVIDADES FOTOGRAFICAS NO PAIS — O BANDEI-
RANTE NO EXTERIOR — ATIVIDADES SOCIAIS — CON-
CURSOS — SALÕES — VÁRIAS.

—◆—

Exemplar avulso em todo o Brasil Cr.\$ 5,00
Assinatura anual: Cr.\$ 50,00 - Sob registro Cr.\$ 60,00
Para o exterior Cr.\$ 100,00

ÓRGÃO OFICIAL DO FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotográfica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe fôr dirigida quanto às suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrosim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Toda correspondência deve ser dirigida para a sede social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE — Rua Avanhanda, 316, Fone 32-0937, S. Paulo, Brasil.



SALA DE ESTAR



SALA DE EXPOSIÇÕES



STUDIO

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 839 DE 14-11-1950

ALGUMAS DAS VANTAGENS QUE OFERECE:

Orientação artística e técnica mediante palestras, seminários, exposições, demonstrações e convívio com os mais destacados artistas-fotógrafos.

★

Laboratório e Studio para aprendizagem e aperfeiçoamento.

★

Sala de leitura e bibliotéca especializada.

★

Excursões e concursos mensais entre os sócios.

★

Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.

★

Intercâmbio constante com as sociedades congêneres de todo o mundo.

DEPARTAMENTOS:

Fotográfico

Cinematográfico

Secção Feminina.

★

	Cr.\$
Joia de admissão	50,00
Mensalidade	20,00
Taxa extra mensal pró-sede própria	10,00
Anuidade (recebida somente nos meses de janeiro a março de cada ano ...)	320,00

★

Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gozam do desconto de 50%.

★

SÊDE SOCIAL (Edifício Próprio): RUA AVANHANDAVA N.º 316

FONE: 32-0937

—

S. PAULO, BRASIL



CONCURSOS INTERNOS



EXCURSÕES



SALÃO INTERNACIONAL

A Nota do Mês

Manancial farto para o cronista, foi êste último Salão. Além dos aspectos já abordados anteriormente, muitos outros ainda poderiam ser ventilados e teríamos, dêsse modo, matéria até completar o ciclo, ou seja, até o início dos preparativos para o próximo certame.

Entretanto, novos acontecimentos vêm se sobrepondo e o 10.^o Salão está se tornando coisa do passado. E' a lei imutável. Temos de posseguir sempre, ininterruptamente, pois não podemos nos embalar eternamente nos êxitos de ontem.

Uma coisa é o Salão encarado pelo prisma de Arte e outra, muito diferente, é quando se considera como empreendimento. Sob êste último aspecto, a Entidade promotora tem que desempenhar uma soma de trabalho, difeilmente aquilatável. Considere-se apenas, o que representa — uma vez o certame encerrado — a separação, acondicionamento e devolução de cerca de três mil trabalhos que se destinam a quarenta países diferentes, a remessa dos resultados da seleção a todos os concorrentes e por aí afora.

Esta a tarefa que óra vem assoberbando os dirigentes do F. C. Bandeirante, que de per-si, não seria coisa de pasmar, si outros afazeres não clamassem, ao mesmo tempo, por solução inadiável. Evidentemente, a vida clubística tem que voltar ao seu ritmo normal. Concursos internos, excursões, intercâmbio e participação de outros Salões no país e no exterior, cursos de laboratório e estúdio, palestras e conferências, seminários de Arte Fotográfica, — tudo tem que ser reiniciado imediatamente.

E assim, ano por ano, a Diretoria do Bandeirante vem acrescentando novos dados á coluna de empreendimentos e introduzindo novas atividades sociais. Pergunta-se, então, até quando suportará o onus e o acúmulo dêsses encargos, manietada á estruturação elementar planejada e posta em execução nos primórdios da vida da Entidade?

A resposta parece muito simples. Bastaria uma reestruturação ou coisa que tal, subdividindo as tarefas, criando novos cargos e maior número de Diretores e estaria tudo resolvido. No papel, pelo menos. E na prática? Bem, no terreno objetivo, iríamos cair onde sempre se resvala em situações idênticas: homens para preencher os cargos...

O que o Bandeirante necessita, na instância, não é pròpriamente reforma de regulamentos, mas de um movimento aliciador de companheiros com espírito clubístico, vale dizer, daqueles que dão de si para que a coletividade venha a usufruir os benefícios, daqueles que tenham a suficiente dose de idealismo — fatôr precípua do engrandecimento da Entidade.

Com um pugilo de companheiros dêsse quilate, e êles não faltam no quadro social, disputando entre si as tarefas que sobejam em nosso Clube, tais reformas surgirão como consequência natural e não como paliativo medicamentoso para a situação que se vem esboçando.

A aproximação do novo ano constitue um pretexto magnífico para o movimento que vimos de focalisar. Então, mãos á obra.



Texto e fotos por
Pim Van Os, N. F. K.
Trad. de A. Souza Lima

A Fotografia Como Elemento Creador

A fotografia poderá ser um mister creador, se quem a executa está consciente das possibilidades que ela encerra. Ela poderá ir além da confecção de um retrato ou da execução de fotografias publicitárias ou técnicas.

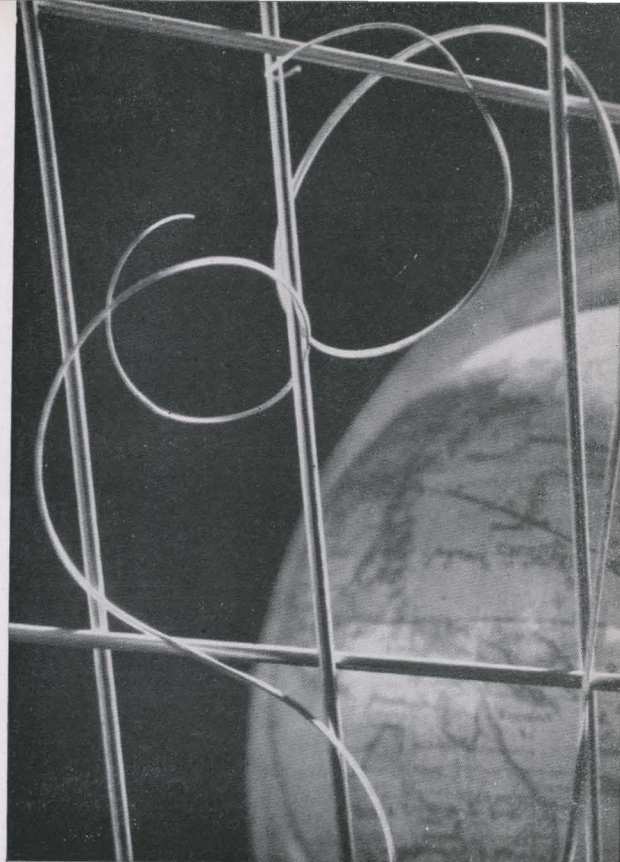
Nós dispomos de um meio de expressão que, precisamente em nossa época, deve encontrar seu caminho como arte de decoração mural. Nos interiores modernos, ao lado do emprêgo de mobiliário prático, as paredes não servem mais para exibição de retratos de família, mas são consideradas como superfícies despidas que simbolizam a simplicidade do homem. É ali

Transcrito de
Photo-Service Gevaert

que a fotografia, como produto de um trabalho creador, pode ter um amplo campo junto aos outros meios de expressão gráfica.

Assim é que ao lado da fotografia romântica, paisagens, naturezas mortas e mesmo "bons retratos", a expressão fotográfica abstrata pode ter seu lugar nos interiores dos nossos tempos.

Uma fotografia se diz abstrata se ela não representa qualquer coisa de concreto, mas sim uma composição de linhas e de superfícies, na qual o ritmo, a harmonia das zonas de luz e de sombra, formam um todo homogêneo e que pode agradar tanto ou mais que outros modos de expressão.



Poder-se-á perguntar: porque preferir tal composição á uma bela paisagem, uma natureza morta ou um retrato?

Realmente é supérfluo levantar esta questão, dado o fato de que a fotografia pode ser aplicada nesse sentido. Isso evidentemente, não se designa ao grande público. Não há senão um pequeno círculo que compreende a arte moderna e que dela sente necessidade ao seu redor. Vede na pintura, os artistas que rompem a tradição. Os clássicos colhem, em todos os domínios da arte, uma admiração geral, mesmo se esta, comumente, não consiste senão num certo respeito pelo que se realizou no passado. A arquitetura clássica,



sobretudo, desperta mais respeito do que admiração, porque não se podia, a seu tempo, construir outra coisa visto a limitada escolha de materiais. Se os construtores de então tivessem conhecimento das possibilidades do cimento e do ferro, seu estilo não teria sido aquele que contemplamos.

O mesmo se dá em fotografia. O progresso traz um desenvolvimento técnico e isto implica na mudança das normas e das formas. Estas mutações não são arbitrárias mas sim integrantes de sua época.

Eu atingi esta forma abstrata de

fotografia porque o trabalho "normal" não me dava mais a satisfação que nos é necessária para manter o amor á profissão. Trabalhar unicamente conforme o desejo do cliente cerceia toda renovação.

Não é possível fazer, ocasionalmente, alguma coisa de diferente por simples passatempo. Isto não conduz a nada. É preciso, em primeiro lugar, sentir o ardente desejo de romper com o estilo que nos foi ensinado: somente então pode-se começar a experimentar. Apesar disto não há motivo para deixar de esquadriñar os anuários e os pe-

riódicos fotográficos. Nós, ainda que muito influenciados por outros, não somos, por isso, Epigones (*). Os melhores resultados provem da expressão de uma forte personalidade no trabalho. Inquietai-vos, assim, o menos possível com os outros, e se estiverdes convencidos que um trabalho que produzistes é bom, isto, provisoriamente, será o essencial. Depois de algum tempo, vereis as falhas e podereis continuar a construir, segundo a própria experiência, para atingir, um dia, a plena naturidade. Os que vos rodeiam se mostrarão céuticos, isto é certo. Será preciso ainda algum tempo para levar o público a apreciar a fotografia moderna. Na Suíça e nos Estados Unidos o público, e em particular a clientela, nesse ponto de vista, estão mais adiantados. A fotografia abstrata ali é aplicada, por exemplo, á publicidade e com sucesso. (Erwin Blumenfeld, entre outros).

Que êste tipo de fotografia lá é apreciado, vê-se bem pelos preços cobrados por Blumenfeld e que Elsevier publicou recentemente. Por um cliché em preto e branco 1.200 dolares e em cores 2.500!

Não cito tais preços para induzir alguém a êste gênero de trabalho. O trabalho em primeiro lugar. O sucesso financeiro é importante para qualquer um mas, evidentemente, apenas os mais eminentes é que o atingirão. No início dêste artigo falei de composição em linhas e superfícies. Volto a elas pois as possibilidades da fotografia abstrata são muito amplas.

O melhor é tomar um exemplo: uma planta. Poderemos colher uma porção de negativos que farão dêste assunto uma boa imagem. Um fotógrafa a árvore sôbre um céu nebuloso, outro não se contenta com uma só árvore mas a quer no ambiente de um bosque. Mas vejamos os galhos. O jôgo de linhas

de um galho nú ou de um simples pedaço dêste. Eis aí inúmeros motivos de composição. Desejo simplesmente ressaltar que a composição poderá ser mais importante que as formas e mesmo as cores; isto no meu modo de pensar, é pesquisar mais de perto os mistérios da natureza de preferência a repeti-la a si própria. A composição abstrata permite chegar a um efeito puramente decorativo do assunto, como mostra a fotografia das folhas de "ficus" aqui publicada. Eu não ousaria dizer que não se poderia fazer outras fotografias decorativas desta planta. Mas cada um tem suas possibilidades particulares. A questão, simplesmente, é romper a tradição, e para romper com o que é monótono e aborrecido, não é preciso coragem. É um estado do espírito que a isso conduz.

A redação da revista me pede para explicar os meios utilizados para realizar estas fotografias. Mas, que importa! Quando um pintor expõe seus trabalhos êle não indica o nome do fabricante de suas tintas! E dar diretivas para realizar composições abstratas não é praticável. Para vos provar que não se trata de bancar o misterioso eis aqui os meios utilizados para a fotografia com o globo: um par de agulhas de tricôt, duas hastes de relva. Eis tudo!

Com vêem isso nada adianta saber, pois para cada composição será necessário procurar novos "ingredientes". O que importa é a procura de motivos e de idéias. Façam um ensaio; de antemão sei que terão de fazer frente a numerosos problemas técnicos e desenvolver múltiplos esforços de imaginação.

(*) Nota do Tradutor:

EPIGONE: nome legendário dado aos filhos dos chefes gregos que conduziram a expedição contra Tebas na guerra entre Eteocles e Polynias — Literalmente significa descendentes, sucessores, herdeiros. O nome é aplicado ao discípulo que procura desenvolver as idéias dos grandes mestres de um período anterior.

Considerações sôbre o Momento Fotografico

E. SALVATORE — F. C. C. B.

De distinto e conceituado amador que nos honra com sua amizade, recebi, há dias, interessante missiva na qual, com a acuidade de espírito que o caracteriza, aborda vários aspectos não só das nossas atividades clubísticas como da orientação geral da fotografia entre nós.

São questões e problemas que constituem objeto constante de nossas inquietudes e de frequentes debates entre os "bandeirantes" em suas costumeiras reuniões, atentos que estão aos problemas artísticos e estéticos que agitam o mundo das artes em geral e especialmente o da fotografia. Tão interessantes e tão importantes se me afiguram êles que, ao ponderar sôbre o que me escreveu o meu esclarecido amigo, não resisti ao desejo de sôbre êles tecer algumas considerações em nossa Revista, na esperança de ver tratados mais largamente e por vezes mais autorizadas, assuntos que, até agora, aqui no Brasil, raramente têm sido debatidos de público, muito embora sejam já de há tempos objeto das observações de renomados autores e críticos do estrangeiro. Que eu me lembre, entre nós, apenas Benedito J. Duarte, um dos nossos mais competentes críticos, tem tratado dêsses aspectos do movimento fotográfico brasileiro e mundial, quando de suas autorizadas crônicas sôbre os salões bandeirantes, no "O Estado de S. Paulo". Da explanação dêstes pontos de vista ideológicos muito terão a lucrar, entretanto, os aficionados da fotografia, hesitantes muitos deles entre o desejo de dar expansão às próprias tendências e á própria personalidade, com trabalhos livres de quaisquer preconceitos, ou atender ás

fórmulas que procuram delimitar e orientar a feitura e a compreensão das chamadas "fotografias de salão".

Util ainda me parece trazer estas considerações a público para procurar elucidar os aficionados em geral sôbre qual a orientação da nossa entidade, o Foto-Cine Clube Bandeirante, no que diz respeito ás suas atividades internas. Quanto aos aspectos de ordem mais geral, é claro, o que vai escrito reflete apenas a opinião pessoal de um praticante e observador da fotografia.

* * *

Indaga o nosso missivista quais os meios de que lança mão o F. C. C. Bandeirante para incentivar o desenvolvimento artístico-fotográfico de seus associados.

Evidentemente, num clube de quasi 600 membros, não é possível procurar um por um, individualmente, para saber de suas necessidades. Oferece, portanto, a entidade, a todos e a cada um, para os esclarecimentos que desejarem, os seus vários departamentos, e orientação técnica e artística através de múltiplas atividades como sejam os concursos internos, seminários, cursos de estética, de laboratório e de estúdio, palestras, excursões, etc.. Através dessas várias atividades procura ministrar aos seus associados todos os conhecimentos básicos necessários. Entretanto, e isto nos parece de suma importância, não se fixam normas, não se impõem determinados padrões ou fórmulas rígidas neste ou naquele sentido artístico; deixa-se ao amador inteira liberdade para manifestar e desenvolver as próprias tendências e na apreciação de seus trabalhos, os júris não os analisam

segundo o que eles próprios, julgadores, fariam deante do mesmo assunto, mas procuram compreender a intenção do autor e se atingiu o fim a que se propoz e se não, porque não o logrou.

A técnica, indiscutivelmente imprescindível a toda obra de arte, é questão puramente de prática, de maior ou menor traquejo no uso dos aparelhos, fórmulas, papeis, etc.. Mas a técnica por si só não faz Arte e a necessária experiência técnica é preciso aliar-se uma sólida preparação estética e cultural. Assim é que ao mesmo tempo em que se chama a atenção do concorrente para as possíveis falhas de ordem técnica e sua correção dá-se, porém, maior importância à idéia, ao conteúdo, à interpretação do assunto, ao espírito creador, procurando-se incentivar a pesquisa, estimular a imaginação, a busca de novos motivos e novas formas de expressão, aprimorando a sensibilidade, a formação e a expansão da própria personalidade. Procura-se demonstrar que a fotografia já deixou de ser uma arte meramente representativa e copiativa, mas permite ao fotógrafo a livre interpretação e a manifestação do próprio "eu". Para nós, **tudo** é assunto; resta vê-lo, senti-lo e interpretá-lo de uma forma pessoal, própria e creadora.

Deve-se notar, entretanto, que não se faz um artista-fotógrafo, cômico de suas possibilidades e de seu trabalho, em apenas três ou quatro meses; não é só por intuição nem por acaso que se produzem obras de arte, mas com pleno conhecimento do meio de expressão escolhido e suas possibilidades, e do que se sente e se quer transmitir. A auto-crítica, nisto, é de importância capital. Desenvolve-la, habituando o concorrente também a criticar e a receber a crítica alheia, com espírito construtivo e sinceridade, é uma das principais e bem sucedidas tarefas do Clube. E, note-se, os julgamentos dos concursos internos, são extremamente severos.

Os frutos dessa orientação aí estão, visíveis a cada novo salão, nos novos e valorosos aficionados que surgem entre os exibidores bandeirantes, cujas características são, hoje em dia, a liberdade interpretativa. Entre os abso-

lutamente novos é que já se firmaram com destacado valor no último Salão, cito, por exemplo, Ohenlohe, Manarini, Giró, Fernando Gasparian, Ivo F. da Silva, Laert, Kojranski, Sato, além de outros que não me vêm agora à memória. Novos são ainda Francesconi, Fiori, Souza Lima, Florence, Barbara Mors, Kawahara, Lorça, Otsuka, Moraes, etc., e também pertencentes às novas gerações de bandeirantes são Polacow, Albuquerque, Yoshida, Ligér, Palmerio, Gaspar, e outros. Compare-se os catálogos dos últimos salões com os dos primeiros e ver-se-á quantos nomes novos surgiram em S. Paulo. Dos mais antigos, vários permanecem ainda em atividade como Yalenti, Nutti, Malfati, Mendes, etc., os quais, juntamente com os demais, são os que orientam e incentivam os mais novos, com a sua experiência e dedicação. Para demonstrar quão intensas são as atividades internas do F. C. C. B. basta dizer que estão concorrendo aos concursos internos deste ano, nada menos que 97 associados, a grande maioria dos quais "novíssimos".

* * *

Esclarecido isto, passemos aos assuntos principais destes comentários e que têm sido objeto de grandes controvérsias: os resultados de salões e seus verdadeiros significados e a falada decadência da fotografia...

Quanto aos primeiros, devo dizer com toda franqueza, não nos preocupamos muito com eles. Não valutamos os méritos deste ou daquele autor, desta ou daquela entidade, apenas pelos resultados dos salões. E' só prestarmos atenção para verificar, aliás, o quanto variam e são contraditórios o que, todavia, compreende-se, pois estão sujeitos a uma série de fatores, muitas vezes alheios mesmo aos pontos de vista puramente artísticos ou fotográficos.

Muito mais importante se nos afigura o movimento artístico-fotográfico e os problemas de ordem estética a ele ligados. O verdadeiro artista não trabalha apenas para obter pontos ou classificações... Dirão muitos que nisso estamos errados e que o renome e o prestígio decorrem principalmente desses resultados. Isso pode ser verdade apenas em parte, mas penso de modo contrário. E' justo e natural que

os que mais concorrem, alcancem melhor lugar nas classificações. Mas isto não quer dizer que sejam **melhores** artistas do que outros que têm menor preocupação de figurarem em quantos salões se realizam pelo mundo e, geralmente, maiores preocupações de ordem puramente artística. Se assim fosse, um Weston ou um Karsh, para só citar êsses dois, que nunca concorrem a salões, jamais teriam a fama que têm e que deixa na sombra muitos dos mais inveterados "salonistas", cujos nomes são frequentes nos catálogos de todos os salões de todos os quadrantes do mundo.

Essa questão de resultados de salões está também muito na dependência de enviarmos trabalhos mais de acôrdo com a tendência dos respectivos jurís, alguns dos quais, diga-se sem reбуços, não primam pela independência, no julgamento das obras, do que os julgadores pensam ou fazem êles próprios, muitas vezes velhos fotógrafos aferrados aos velhos preconceitos. Há juizes que recusam provas, p. ex. abstratas, apenas porque não gostam ou não entendem o abstracionismo... Serão êles bons juizes? Afirmando-me pela negativa. Bem sei que é difícil o julgador abstrair-se completamente de suas próprias inclinações; mas o juiz cõscio de seus deveres e de sua responsabilidade deve esforçar-se para analisar o trabalho alheio isento de qualquer influência de seu gôsto pessoal. Para isto é preciso um longo treino, além de uma cultura artística e conhecimentos humanísticos gerais bem mais amplos do que os especificamente fotográficos. Será também um bom método de julgamento aquele feito "a toque de caixa", com apertados calendários pré-fixados, no qual os julgadores, em poucas horas, "julgam" milhares de provas, examinando cada uma de relance, em poucos segundos, levados, evidentemente, apenas pela primeira impressão? Continuo afirmando-me pela negativa.

Indiscutivelmente, melhores resultados poderá obter um autor se se conformar com os padrões geralmente aceitos por tais jurís, sôbre o que vulgarmente se considera "fotografia de salão". Mas, com isto estará êle fazendo Arte sincera, consciente, de acôrdo com sua própria sensibilidade e personalidade? Quer me parecer

que não. A primeira qualidade do artista é ser sincero consigo próprio.

O que há de positivo, porém, é que a grande maioria procura apenas as classificações nos salões, fazendo concessões ao gôsto comum, com obras mais de acôrdo com a mentalidade do público em geral e de certos jurís aferrados aos conceitos e dogmas que procuram definir o que seja "fotografia de salão" — paisagens ou naturezas mortas tipo "tampa de caixas de bombons" — que impressionam apenas pela forma e pelo acabamento exterior, com histórias ou mensagens superficiais, do tipo "folhetim", endereçadas ao "grande público" e ao alcance de qualquer mentalidade vulgar. Muitos outros, entretanto — e entre êstes estão os "bandeirantes" — não temem sair dos postulados acadêmicos, procurando novos modos de expressão, sobrepondo á mera representação o espírito, o conteúdo, os valores humanos, através de uma interpretação própria, embora isso lhes possa acarretar maior soma de trabalhos recusados nos salões ainda apegados ao "pictorialismo".

E aqui chego ao outro ponto: o da comentada decadência da fotografia. Decadência não é bem o termo e sim estagnação, o que não deixa, de certa forma, de ser também decadência. E' um fenômeno que não escapa a qualquer observador mais atento ao movimento fotográfico mundial e a essa estagnação não me parece estranho justamente o fato de a grande maioria dos expositores ter como preocupação maior apenas acumular etiquetas de salões, embora a custa da padronização de sua produção, num conformismo aniquilador da própria personalidade. E' a consequência da "salonite" essa grave doença cujo vírus leva os que são por ela atacados a, todos os anos, inundarem os salões de todo o mundo com dezenas e dezenas de copias dos mesmos trabalhos, com isso procurando, numa pura manifestação de vaidade, alinhar números e classificações nas estatísticas tão ao gôsto dos norte-americanos.

Esclareçamos, porém, melhor o nosso pensamento para que não se lhe dê falsa interpretação. Não quero dizer, absolutamente, que não se deva concorrer aos salões de fotografia. O que não se deve fazer, o que não faz o verdadeiro artista, aquele que faz Arte



"SULCOS"

Claudio Pugliese — F. C. C. B.
S. Paulo — Brasil

(Do Xº Salão Internacional de S. Paulo)

pela Arte, é subordinar a sua personalidade e a sua obra, ao gosto comum, á tendência de cada júri, para mais facilmente ganhar mais uma etiqueta ou mais um prêmio. Isto é o que se chama "salonite" e isto longe de contribuir para o aprimoramento da fotografia, a torna vulgar e inexpressiva.

O grande crítico **Alejandro C. Del Conte** já advertia: "**La obra comum, por bella que sea no "trabaja" para la fotografia**".

(CORREO FOTOGRAFICO SUDAMERICANO, n.º 643, Set. 1950).

Baseado no que viu no último Salão

de S. Paulo, nega o meu caro missivista a existência dessa propalada decadência, afirmando que dos europeus temos muito ainda que aprender. Muitos outros visitantes terão tido, certamente, a mesma impressão. Muito embora eu possa parecer suspeito para falar nisto, pois dele fiz parte, a verdade é que essa boa impressão deve ser creditada, em grande parte, ao feliz desempenho do júri de seleção, escolhendo para a mostra as obras mais expressivas. Os milhares de visitantes, como o nosso caro amigo, não tiveram porém a oportunidade de apreciar — como foi dado aos associados do F. C.

C. B. — as muitas centenas de trabalhos recusados, provindos principalmente da Europa e da Asia. Com toda a certeza, não manteriam a mesma opinião.

Não quero de forma nenhuma dizer que somos melhores que os europeus, ou os asiáticos ou os americanos, etc.. Absolutamente! Muito ao contrário, estou com o meu ilustre missivista. Temos mesmo muito ainda que aprender. E é justamente por isto que aqui em S. Paulo, no F. C. C. B., nunca estamos satisfeitos com o que fazemos e queremos mais, sempre mais, queremos progredir. Daí essa busca incessante a que os bandeirantes se atiraram, de novos temas, novos assuntos, novas formas de expressão, inconformados com a pasmeira reinante na maioria dos salões habituais. Daí essa ânsia com que procuram conhecer e compreender os novos rumos, as novas tendências da fotografia contemporânea.

Temos muito ainda que aprender. Mas cumpre fazer aqui uma distinção e é aqui que se situa o ponto importante. Exceção feita daquilo que estamos vendo já há 10 anos, os Schaeppman, Sulke, Wright, Mansfield, Echange, Heller, etc., etc., sempre os mesmos, sempre iguais, repetindo sempre os mesmos temas da mesma maneira e que já nada de novo nos mostram nem ensinam, muito temos que aprender com os renovadores da fotografia como os Steinert, Karoly, Reisewitz, Goto, Urhausem, Pundsack, Smolej, Yoshizaki, Galzignan e outros cujos trabalhos deram maior categoria e uma sensação de novo ao X.º Salão.

Não nego, absolutamente, sejam as obras daqueles, dignas de estarem em salões de categoria. Como todas as autênticas obras de arte, merecem respeito e admiração, "ad secula seculorum". Mas é fora de dúvida que são obras que não mais traduzem o espirito da nossa época.

Na verdade, estamos assistindo ao choque entre duas mentalidades: a antiga, a da fotografia "pictórica", assim chamada a fotografia imitação da pintura acadêmica, estática, sem vida, com toda a passividade e contemplativismo que a reduziram a um meio termo entre o desenho, a pintura e a gravura, e a nova mentalidade,

mais fotográfica, mais vigorosa, mais cheia de vida e de humanidade, com ângulos e jogos de luz audazes, usufruindo do processo fotográfico todas as características que lhe são próprias e inconfundíveis.

A fotografia hodierna pede mais do que a simples reprodução ou representação de cenas ou objetos bonitos por si mesmos, tecnicamente perfeitos, com todas as regrinhas de composição bem observadas, bem medidas, tudo bem arranjadinho, etc. e tal. Não se compreende mais, na fotografia de hoje, o romantismo piégas dos séculos passados. Como é possível que sendo a fotografia a arte que caracteriza o século XX, esta era atômica, tumultuosa, cheia de vida, de angustias, incertezas e apreensões, como é possível que sendo a fotografia a arte que melhor do que qualquer outra pode retratar os dias que vivemos, continuem os fotógrafos com os olhos voltados para traz, perseguindo um lirismo obsoleto e falso?

Não somos apenas nós que afirmamos a decadência ou estagnação da fotografia. Percorra o leitor, atentamente, as críticas que têm sido publicadas em revistas conceituadas como mo "Camera" (Suíça), "Ferrania", "Photo-Praxis", etc. e que simplesmente arrazam o panorama desolador desses salões, sempre iguaisinhos aos de há 20 anos, monotonos, repetindo-se sempre com os mesmos assuntos e os mesmos motivos. Veja-se o que essas publicações reproduzem dos mais autorizados fotógrafos da atualidade! Estarão esses críticos todos errados? Estarão errados esses artistas inconformados com essa paralização e que raramente concorrem a esses salões justamente pela incompreensão dos seus julgadores aos novos caminhos da fotografia e que, por isso mesmo, foram levados a formarem grupos independentes dos velhos clubes fotográficos (pois nestes é que mais se acentua a "fórmula", a rotina) como o "Grupo dos XV" na França, "Fotoform" na Alemanha, "Bussola" na Itália, "Vakgroep" na Holanda, etc.? Estarão todos eles errados? Então também nós estaremos. Mas a continuar repisando sempre a mesma coisa, satisfazendo apenas a nossa vaidade de expositor ao envez de procurarmos nos renovar, fazendo cousas

mais pessoais, mais de acôrdo com o nosso próprio modo de ver e de sentir, preferimos "errar". E estamos em boa companhia!

Estavam já rabiscadas estas linhas quando cae-me sob os olhos um dos últimos comentários de Daniel Masclét, sem dúvida, um dos mais prestigiosos críticos e autores franceses. Querem ver o que êle diz? Leiaam lá:

"... je dois dire quelques mots de la situation actuelle des Salons de Photographie dans le monde. Il est absolument indéniable que ceux-ci traversent, depuis quelque temps, une crise sérieuse! À Londres, à New York, à Paris, à Cleveland ou à Zurich, on leur fait partout les mêmes reproches... assez graves! On leur reproche de manquer de vie, d'intérêt, de nouveauté, de rabacher à peu près toujours les mêmes sujets, de la même manière, "ad nauseam", d'exhiber un esthétisme attardé, ou... déliquescent!

Les "salonistes" ne se renouvellent guère! Est-ce leur faute entière? Peut-être pas! Beaucoup d'entre eux sont éduqués, dirigés, enseignés, et parfois annihilés, par les vieux clubs, les anciens pictorialistes... ils son souvent obnubilés par la fabrication de leur... produit habituel: la "Belle Photo de Salon", bien conforme aux règles, aux us et aux costumes... Nombre de photographes débutent das la photographie du mauvais pied, avec un faux-concept: se servir d'un outil mécanique, la caméra, dans un style imbibé de l'esprit "Peinture-à-la Main".

(PHOTO-CINEMA, out.-1951). (1)

Entretanto, se se atentar para o movimento artístico-fotográfico europeu ver-se-á que lá já se esboça a reação e para exemplo cito o movimento néo-realista" italiano que já vem se estendendo aos outros países, ou a recente "Exposição de Fotografia Européa", realizada em abril deste ano em Milão, Itália, no Palácio Brera (2), para o qual não houve inscrições voluntárias mas ao lado de alguns "destacados salonistas", convites especiais a determinados fotógrafos, famosos, cujos nomes, todavia, não serão encontrados nos catálogos dos salões habituais, como, p. ex., Atjet, Cassina, Edouard Roubat, Bill Brandt, Bert Hard, Pin Vam Os, Sam Presser, Fosco Maraini, etc.. Segundo a crítica, foi êsse considerado o maior salão dos últimos tempos e a

competição entre os trabalhos dos velhos "salonistas" e os dos renovadores deixou aqueles longe. Encontrar-se-á também, no boletim do FOCUS SALON da Holanda, para 1951, o apêlo aos "jovens com idéias novas sôbre as grandes possibilidades da fotografia artística" — "We invite all young photo-artists to express themselves in new, moderns and Lightfilled pictures". (3)

Comecemos, portanto, por arejar as idéias que preponderam na maioria dos foto-clubes. Ao envez de discutirmos apenas objetivas, fórmulas, papeis, etc., cousas tôdas materiais e que dizem respeito mais á técnica do que á Arte, voltemos os olhos para as cousas espirituais que nestas é que reside a verdadeira Arte e seus problemas estéticos. Entraremos, talvez, num período de dúvidas e hesitações. Mas nossos horizontes alargar-se-ão desmesuradamente, e então começaremos a fazer Arte, se para tanto tivermos engenho e capacidade. E então compreenderemos que o que fizemos até agora foi méro artesanato.

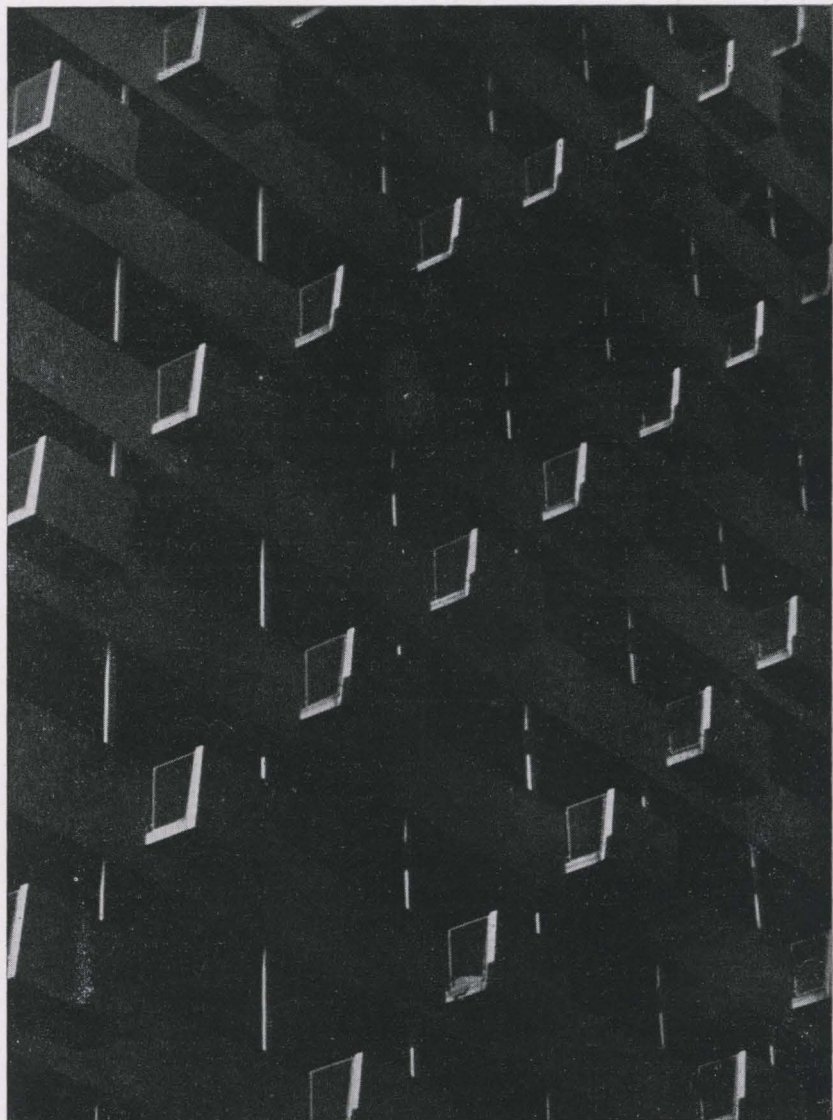
NOTAS

(1) ... eu devo dizer algumas palavras sôbre a situação atual dos salões de fotografia no mundo. E' absolutamente inegável que êles atravessam, desde há algum tempo, uma crise muito séria. Em Londres, New York, Paris, Cleveland ou em Zurich se lhes faz, por tôda parte, as mesmas censuras... bastante graves! Censuram-lhes por lhes faltar vida, interesse, novidade, por repisar quasi sempre os mesmos assuntos, da mesma maneira, "ad-nauseam", e por exibirem um estétismo retrôgado ou... deliquescente!

Os "salonistas" não se renovam em nada! Será a falta apenas deles? Não pode ser. Muitos deles são educados, dirigidos, ensinados, e por vezes aniquilados pelos velhos clubes, os antigos pictorialistas... Êles são comumente obscurecidos pela fabricação de seu produto habitual: a "bela fotografia de Salão", bem de acôrdo com as regras, os usos e os costumes... Numerosos fotógrafos começam na fotografia com mau passo, com um falso conceito: se servirem de um instrumento mecânico, a câmera, num estilo embebido do espírito de "pintura a mão". (PHOTO-CINEMA, out. 1951).

(2) **Palácio Brera** — famoso instituto de arte. Pela primeira vez, dada a magnitude da mostra, concordou em ceder suas salas para uma exposição fotográfica.

(3) Convidamos todos os jovens artistas a se exprimirem a si próprios, em novas, modernas e "brilhantes fotografias".



"BALCÕES"
M. Laert Dias

(Do Concurso de Outubro)

"BALCÕES EM MOLDURA"
Marcel Giró



(Do Concurso de Outubro — "Arquitetura")

O X^o Salão na opinião de "Iris"

Conforme prometemos, transcrevemos aqui, com a devida venia, o comentário-analítico que a conceituada revista fotográfica "IRIS" dedicou ao último Salão bandeirante.

"Promoveu, no mês de setembro, o Foto-Cine Clube Bandeirante, o 10.^o Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo, na Galeria Prestes Maia, acrescentando mais uma brilhante vitória ao longo rol dos seus êxitos.

Prova expressiva desse êxito, aliás já tradicional, foi o número de trabalhos inscritos, montando a 2.818 do qual foram admitidos 402 trabalhos, depois de uma seleção cuidadosa. E isso sem falar da secção "color", da qual constaram mais 105 trabalhos escolhidos entre 298 inscritos, não mencionando as obras dos membros do juri, excluídos nos números mencionados.

Participaram da exposição, além de numerosos clubes brasileiros, os seguintes 39 países e territórios: África do Sul, Alemanha, Angola, Argentina, Austrália, Austria, Bélgica, Canadá, Checoslováquia, Chile, China, Costa Rica, Cuba, Dinamarca, Egito, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Índia, Inglaterra, Itália, Japão, Luxemburgo, México, Nova Zelândia, Noruega, Portugal, Romênia, Sarre, Síria, Suécia, Suíça, Turquia, Uruguai, Yugoslávia.

Não é preciso destacar a importância de tais exposições internacionais, como fenômenos culturais de intercâmbio entre o Brasil e o mundo e como arena em que os artistas-fotógrafos brasileiros medem, em pacífica competição, as suas forças com o que de melhor foi produzido no domínio da arte fotográfica internacional. Nesta grande visão de conjunto, os fotoamadores e outros interessados não só tomam conhecimento de algumas individualidades marcantes de outros países — como por exemplo **Otto Steinert** (Sarre), cujos trabalhos — "Malerin in Atelier" (Pintora no estúdio), "Theaterstudie", "Pierrot", "Bild eines

jugen Maedchens" (Retrato de uma jovem) se destacam pela concepção original, **Gisela Buese** (Alemanha), com trabalhos como "Junges Laub" (Folhagem nova), "Luftballons" (Balões), "Orgelpfeifen" (Flautas de Órgão), ou **Nino Galzignan** (Itália), com "Atmosfera Veneziana", "Picassiana", "Studio", e tantos outros, mas também do espírito coletivo dos diversos países, das tendências, correntes, pesquisas avançadas e das mútuas influências no que se refere aos assuntos e ao tratamento formal. Na Austria, por exemplo, de onde vieram alguns bons trabalhos, parece predominar, ao menos segundo a seleção do juri, um espírito conservador e acadêmico, da Yugoslávia destaca-se, entre outras obras, o magnífico "Furnace's Worker" (Operário diante de Alto Forno), de Slavko Smolej, vigoroso estudo de movimento, os chineses e japoneses distinguem-se pela sutileza, o bom gosto e a finura da concepção (esplêndidos os trabalhos de Hitori Yoshizaki, Japão). Da França veio essa maravilha que é "Texture et Matière", de Daniel Masplet. trabalho que impressiona em virtude da excelência da iluminação ao mesmo tempo expressiva e equilibrada e em que a objetiva da câmara parece ter-se identificado com a obra de arte escultural de que se fez mensageira, realçando-lhe os valores plásticos e a beleza das linhas. Entre as obras enviadas dos Estados Unidos sobressai uma esplêndida composição de Lowell Miller ("Blue Crystal"), verdadeiro poema de formas harmoniosas e de linhas nobres.

Nota-se com satisfação que a safra brasileira não fica nada a dever aos trabalhos das mais diversas proveniências. Pode-se dizer mesmo, com isenção de ânimo, que em variedade, vigor, apuro técnico, seleção, escolha de ângulo, sensibilidade estética, originali-

dade, pesquisa de linhas, composição, iluminação, recorte cuidadoso, elegância de concepção e expressividade, poucos dos trabalhos estrangeiros se equiparam às melhores produções nacionais. A intensa atividade desenvolvida pelos vários clubes nacionais está dando frutos saborosos. Surgiu uma verdadeira mentalidade fotográfica nos diversos recantos brasileiros e particularmente em São Paulo, fato comprovado pela extraordinária afluência popular às salas de exposição.

Entre tantos excelentes trabalhos brasileiros é difícil destacar alguns sem cometer injustiças decorrentes de preferências subjetivas e individuais.

Cyro Alves Cardoso (S. Paulo) chama a atenção com dois belos trabalhos "Asas", "Vendedor de Balões" — estes, aliás, parecem estar em moda, da mesma forma como as poças e a lama), distinguindo-se também os "Trilhos" de André Carneiro (Atibaia). "O que a vida me negou", de Audalio Dantas (São Paulo), traduz uma idéia original e inteligente em termos fotográficos adequados, M. Laert Dias (S. Paulo), obtém ótimos resultados com "Ponte para o Desconhecido" e "Neon na Poça", trabalho que revela um observador atento.

Belíssima a obra "Batalhão Fantasma", de Orlando P. Duarte (Rio) e revelando uma aguda sensibilidade mercê do ângulo original, surge "Plástica" de Fernando Gasparian (S. Paulo). Trabalho discutido, que desperta a curiosidade dos apreciadores, é o "Auto-retrato em sombra", de Marcel Giró (S. Paulo), de quem se distingue também outra contribuição, "Suavidade". Uma boa "Composição" é a de Wolfgang Hohenlohe-Oehringen. (S. Paulo), merecendo menção também os trabalhos de Kazuo Kawahara (S. Paulo), "Poema", Ernesto Koch (Ponta Grossa), "Plumas", Renato Laranjeira (S. Paulo), "Diagonais", Arnaldo Lempo (S. Paulo), "Majestade", Carlos Ligér (S. Paulo), "Folhas", Agradam sobremaneira os três trabalhos de Barbara Mors (S. Paulo) — "Humildade", "Caresse", "Luz e Sombra", e José Oiticica comparece desta vez com três excelentes obras — "Simbó-

lico", "O Tunel", "Trabalho no Asfalto" (Rio). Tanetaka Okada (Mirandópolis) comprova de novo o seu talento com uma "Composição" e o mesmo vale de Masatoki Otsuka (S. Paulo), de quem todos os trabalhos — "Irradiação", "Suspense", "In Natura", "Lamaçal" — revelam um fotógrafo de mão cheia e de grande sensibilidade estética, devendo-se destacar que o seu "Lamaçal", deste ano, não fica nada devendo ao seu "Reflexo", do ano passado.

Entre os numerosos retratos distingue-se "Preta Velha", de Fernando Barros Pinto (para não mencionar a bela obra de Francisco A. Albuquerque, que "corre" fora da seleção).

Entre os trabalhos nacionais deve-se mencionar ainda "Uma xicara de café", de Eijiryo Sato (S. Paulo), o magnífico "A boa Luz", de Ivo Ferreira da Silva, uma pequena maravilha de composição, recorte e iluminação, os "Arames", de Sadayoshi Tamura (Cotia), e as paisagens de Feres Saliba (S. Paulo). E naturalmente não podem faltar as ótimas contribuições de Roberto H. Yoshida (S. Paulo) — "Extase" e "Metrópole".

Entre os trabalhos do juri, fora de seleção, havia bom número de trabalhos excelentes, devendo-se destacar o belo "Tercetto", de José V. E. Yalenti, "Menina Triste", de Jacob Polacow, o "Retrato", já mencionado, de F. Albuquerque, o "Estudo com Cordas", de Eduardo Salvatore, bem como "Reflexos" de Angelo F. Nuti.

A simples enumeração de alguns dos, ao nosso ver, melhores trabalhos evidencia o rigoroso e acertado critério aplicado pelo juri na seleção da nata entre cerca de 3000 trabalhos inscritos. Pois o apreciador sente-se tentado a enumerar — com várias exceções, naturalmente — quase todas as obras constantes do catálogo.

O Foto-Cine Clube Bandeirante está, portanto, de parabens pelo esplêndido êxito de seu 10.º salão, expressão da sua atividade incansável, da sua capacidade de organização e do apuro estético com que incentiva e dignifica a arte fotográfica.



"COMPOSIÇÃO"
Tanetaka Okada
Mirandópolis — S. Paulo

(Do Xº Salão Internacional de S. Paulo)

Cinema em 16 mm., o Banco do Brasil, a Burocracia e outras pragas.

Transcrito de "ANHEMBI"

Há três anos passados — em julho de 1948 precisamente — expunha o então crítico de cinema de "O Estado de S. Paulo", em artigo assinado, as dificuldades e os obstáculos quase intransponíveis encontrados no caminho de quem se proponha, no Brasil, realizar cinema em película de bitola estreita — especialmente a de 16 mm., a mais difundida, a que maior alcance oferece no campo da cinematografia documentária ou científica, ou simplesmente no do cinema de amadores. E depois de analisar exaustivamente a situação precária determinada pelos males do cinema em 16 mm. — tão semelhantes aos de seu irmão mais velho, o cinema de 35 mm. — concluía o articulista acenando para o cineasta profissional e o amador com uma esperança: a "Kodak Brasileira Ltda." estava construindo em Santo Amaro uma fábrica de material sensível e um moderníssimo laboratório para o tratamento de todos os tipos de película da marca dessa empresa, inclusive o de cor, o magnífico "Kodachrome." Melancolicamente, porém, profetizava aquele cronista a interferência do funcionamento da máquina burocrática, estadual ou municipal, na construção dessa fábrica, emperrando, uma vez mais, a livre prática do cinema em película de 16 mm., parece que predestinada no Brasil ao desprezo e à ignorância das autoridades governamentais do país, sistematicamente contrárias ao desenvolvimento do cinema executado em película estreita.

Três anos após, confirmavam-se todos os prognósticos pessimistas daquele crítico. Não só continua emperrada a construção da fábrica da "Kodak" em Santo Amaro, como permanecem — até agravados — os mesmos obstáculos vigentes em 1948: escassez de material sensível, câmbio negro consecutivo, exigências absurdas, ou recusa injustificável de licença prévia

para a importação de película virgem, imposições estúpidas da censura e não sabemos quantos ainda os desvãos por que tenham de se imiscuir os mártires da realização cinematográfica do 16 mm.

Façamos, entretanto, um pequeno retrospecto: antes da última guerra, duas firmas, importantes e igualmente idôneas, disputavam a hegemonia do mercado foto e cinematográfico no Brasil: a "Agfa", alemã e a "Kodak Brasileira" norte-americana, ambas com sede e laboratórios no Rio de Janeiro. Uma e outra não sabiam mais que fazer para conquistar a preferência do consumidor: se a "Kodak" pedia uma semana para entregar, revelado e pronto para projeção, um rolo de 30 metros de sua película, imediatamente a "Agfa", com o seu produto, reduzia esse prazo para cinco dias, havendo mesmo casos em que um carretel saía de São Paulo numa terça-feira, para estar de volta, impecavelmente tratado, na sexta-feira da mesma semana. Quando a "Kodak" iniciou a venda de sua película colorida, a sua hoje popularíssima "Kodachrome", a "Agfa" logo pôs à venda a sua "Agfacolor", a revelar-se na Alemanha, tal como a "Kodachrome" se revelava em Rochester, perto de Nova York, ambas as películas a consumir, nessa viagem, cerca de dois meses, entre ida e volta. Eis senão quando, a "Kodak" instituiu para a sua película o transporte "by air mail", reduzindo o percurso para vinte e cinco dias, ou menos, havendo casos em que um carretel de "Kodachrome" ia e voltava em 18 dias. Reagiu a "Agfa", aparando o golpe, ao instalar no Rio um laboratório especialmente aparelhado para a revelação colorida de seu processo, um tratamento delicadíssimo, a exigir técnicos de longa prática e de grande competência. Tal laboratório não chegou a entrar em atividade, pois em

1939 a guerra explodiu, interrompendo a ação pacífica da empresa alemã. Ficou a "Kodak" com o campo livre e nele passou a evoluir tranquilamente. E as coisas então começaram a mudar. Durante o conflito, uma película em preto e branco, revelada no Rio, consumia de uma semana a quinze dias para voltar. As "kodachrome", reveladas em Rochester, de dois a três meses. Restrições ao consumo civil, mobilização do pessoal da "Kodak", "esforço de guerra", censura militar norte-americana e britânica e outras tantas justificativas vinham impressas e eram ditas oralmente pelos representantes da "Kodak" no país, justificativas que por serem verdadeiras, eram de bom grado aceitas e compreendidas pelo cinegrafista profissional, ou pelo amador. Mas se a sangrenta desgraça acabou por findar, mal ou bem, as atribuições dos amantes do 16 mm. permaneceram intactas, senão agravadas. Um carretel de "kodachrome" remetido para Rochester por intermédio da "Kodak Brasileira" acaba até sendo esquecido pelo remetente, tantos são os meses a decorrer durante a longa viagem de volta. Para obviar a isso, um amador de imaginação teve a idéia de remeter diretamente para Rochester um rolo de "kodachrome", nele incluindo um dolar para o porte de volta. Milagre dos milagres! Nem quinze dias eram decorridos e lá estava o carteiro a bater-lhe à porta, com um aviso de volume registrado existente no "colis", vindo do Rochester, em nome do amador engenhoso. Não havia dúvida possível: ali estava o seu precioso "kodachrome", como sempre, impecavelmente revelado, que ele remetiera quinze dias antes para os Estados Unidos, sem muita esperança no êxito da experiência.

A notícia do que se passara com o amador esperto logo transpirou por entre as centenas dos que praticam o cinema de 16 mm. Desde então, dezenas de rolos de "kodachrome" seguiam para o porto de salvação, para Rochester, onde os seus laboratórios, com a correção que os caracteriza, duas semanas após, os devolviam revelados e íntegros aos remetentes brasileiros. Tudo eram flores agora: os amantes do 16 mm. colorido tinham as suas fitas em prazo exíguo, a "Kodak Brasileira" se vira livre da prebenda de

se haver com as inumeráveis exigências e o andar vagaroso da papelada burocrática, bancária, consular, alfandegária e não sabemos mais quê. Tudo eram flores até que as nossas prezadas autoridades burocráticas bancárias, consulares, alfandegárias etc. começaram a desconfiar da tranquilidade desse mar de rosas. E lá surgiram no horizonte as nuvens de mau agouro da papelada e das exigências burocráticas, bancárias, alfandegárias etc. e por certo ainda de outras conspícuas entidades ainda por nascer, tudo para que um inocente rôlo de película não revelada, contendo a imagem latente de um casamento, de um batizado, das férias que a família passou em Santos, ou a de um ato cirúrgico, ou a de qualquer outra espécie de documentação, possa seguir em paz para o laboratório que a revela e voltar tranquilamente para o seu ponto de embarque inicial.

Tudo isso afinal, porque não entrou na cabeça dos dirigentes do Banco do Brasil, da Carteira de Importação e Exportação, da Alfândega etc. um fato de compreensão simplíssima: a película "Kodachrome" que daqui vai aos Estados Unidos não constitui produto de exportação, sujeito a todas as infinitas formalidades existentes para tal, pois o material que se envia a Rochester para ser revelado nos é devolvido sem outro qualquer interesse econômico ou político, já que no Brasil, nem na América do Sul existe um laboratório sequer capaz de realizar as delicadíssimas manipulações do tratamento da película "kodachrome". Por outro lado, além de não estar o Brasil em guerra, não vemos razão por que se deva submeter esse material inofensivo (que nem sequer pode ser considerado como uma diversão pública...) aos rigores do Serviço de Censura e Diversões Públicas, cuja severidade, aliás, se tem mostrado de uma extrema complacência para com certas películas do cinema de 35 mm., verdadeiros casos de polícia, que, pelas salas de exibição pública de todo o país, andam sendo apresentadas impune e livremente com um carimbo de "boa qualidade, pesgado por essa censura cega e surda às monstruosidades das "Liana, a pecadora", "Amor materno" e ao primarismo das películas carnavalescas periodicamente realizadas.

Há, como se vê, uma verdadeira rede de má vontade e de ignorância impedindo o livre trânsito da película colorida neste país. A permanecer a situação atual, agravando-se dia a dia, não será mais viável a prática desse cinema utilíssimo ao ensino, à educação infantil, à pesquisa e documentação científicas, à informação de todo o gênero, ou à simples diversão do amador. Tanto mais lamentável essa situação, se considerarmos o fato de só agora no Brasil se tentar a reabilitação e o levantamento, em bases sérias, de sua indústria cinematográfica. E o cinema de 16 mm. não será uma das vias mais indicadas para se chegar aos domínios do verdadeiro cinema no Brasil?

Estavam as notas acima já a caminho das oficinas, quando nos veio ter às mãos um exemplar da "Revista Kodak", editada pela empresa do mesmo nome e referente aos meses de julho, agosto e setembro do ano em curso. Logo em sua página de abertura se estampa uma "Explicação", que não podemos deixar de transcrever, com a vênica de praxe:

"Tem sido já debatido aqui, mas vem sempre à baila através de reclamações repetidas, a demora excessiva da remessa e retorno dos "filmes" Kodachrome enviados aos Estados Unidos para revelação.

E' assunto esse que tem trazido bastante preocupação a esta administração e justificado dissabor aos consumidores, especialmente entre médicos e educadores que se valem dos "filmes" em cores para seus trabalhos, mais afetados esses pela demora do que os simples amadores.

Para definição de responsabilidade queremos minuciar os trâmites a que são sujeitas essas remessas através de várias regulamentações em vigor. Embora tratando-se de "filmes" somente expostos, sem revelação, para sua saída do país se torna obrigatória a anuência do Serviço de Censura de "Filmes", mediante requerimento.

Obtida essa permissão, devemos justificar perante a Fiscalização Bancária que a ida para revelação não provoca câmbio (remessa de divisas-dolar) visto já estar esse serviço in-

cluso no preço original de importação. Procedemos da mesma forma perante a Carteira de Exportação e Importação para autorização da remessa e só então submetemos o volume à inspeção da Alfândega.

Quando os "filmes" são finalmente retornados ao Brasil depois de devidamente revelados, não de aguardar ainda alguns dias na Alfândega.

Um ou outro interessado que consegue remeter seus "filmes" individualmente por passageiros de avião e que os consegue de volta em duas ou três semanas, não pode compreender depois a razão da demora dos que confia a nossos cuidados.

De nossa parte a execução do serviço nem toma quinze dias, mas as formalidades a que devemos estrita obediência oneram o prazo necessário em mais dois meses. Em suma: foi dada judiciosa explicação, que fazemos acompanhar de nossas escusas por não poder prestar aos amigos de Kodachrome melhor assistência num assunto que tão de perto diz com seus altos interesses".

Folgamos em registrar essa "Explicação" tão necessária quão franca e corajosa. Por outro lado, o pequeno artigo da "Revista Kodak" vem confirmar "in totum" tudo quanto "O Estado de S. Paulo", há três anos passados, e nós agora nesta edição de ANHEMBI vimos afirmando, em pura perda aliás. De qualquer forma, valem os protestos e as acusações, senão pelo alcance que possam ter, ao menos pelo desabafo que oferecem a quem, dependendo muitas vezes do "Kodachrome" pela sua profissão, só encontra num artigo ou numa crônica a tribuna por onde possa fluir a sua revolta e a sua indignação. Indignação e revolta bem justificadas, como acabamos de ver. Sobretudo quando se pensa na insensatez de uma Censura que chegou ao extremo de desejar estender a sua ação até à película virgem, de imagem latente, não revelada, invisível portanto, é bom que se explique...

Agora, uma pequena observação à margem. E' curioso como o barbarismo espúrio medra num ambiente sem policiamento mental onde a instrução baixa a nível nunca atingido! Na publicação acima da revista "Kodak" — mínima como texto — registramos seis vezes a palavra "filme", anglicismo inútil e invasor que poderia muito bem, em favor do estilo, ser alternado com os termos legítimos "película" ou "fita" que o pernosticismo ou a ignorância querem, por todos os meios, expulsar de sua casa. Curioso que estes nossos vocábulos tão fáceis de pronunciar sejam preteridos por uma palavra perfeitamente bárbara não só para a nosso prosódia (são pouquíssimas em nossa língua aquelas onde vem a combinação **lm**) mas ainda contraria a tendência idiomática do Brasil como de Portugal. E, para aproveitar a ocasião, registre-se também que o outro barbarismo "divisas" tem o seu correspondente em português que é "cambiais".

"HABITAT" E O X.º SALÃO...

Conforme antecipáramos, "HABITAT", a maior revista de Artes do Brasil, em seu número 5, dedicou duas páginas inteiras ao X.º Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo, recentemente encerrado, reproduzindo os trabalhos "Composição Tonal" de Abílio M. Castro F.º, "Por aqui passaram..." de Eduardo Salvatore, "Estudo com tambores" de Jacob Polacow, "Tetos brancos" de German Lorca, "Trilhos" de André Carneiro e "Paralelas" de Gaspar Gasparian.

No breve comentário que acompanha essas reproduções, destaca a revista o êxito alcançado pelo certame,

"... de maneira a constituir o X.º Salão uma das mais notáveis exposições de fotografias artísticas já levadas a efeito neste continente. Alcança assim o Brasil, através da realização do F. C. Bandeirante, posição de real destaque como um dos mais avançados centros cultores da arte fotográfica".

O Boletim Foto-cine na P. S. A.

Dentre os vários certames que a "PHOTOGRAPHIC SOCIETY OF AMERICA" organiza, há um referente às publicações editadas pelos Clubes de fotografia em todo o mundo.

O nosso "Boletim", este ano, participou novamente dêsse concurso, e mais uma vez mereceu as mais elogiosas referências, tendo sido galardoado com a "fita verde" que ao lado reproduzimos e obtendo, na classificação geral, a média 87,4.

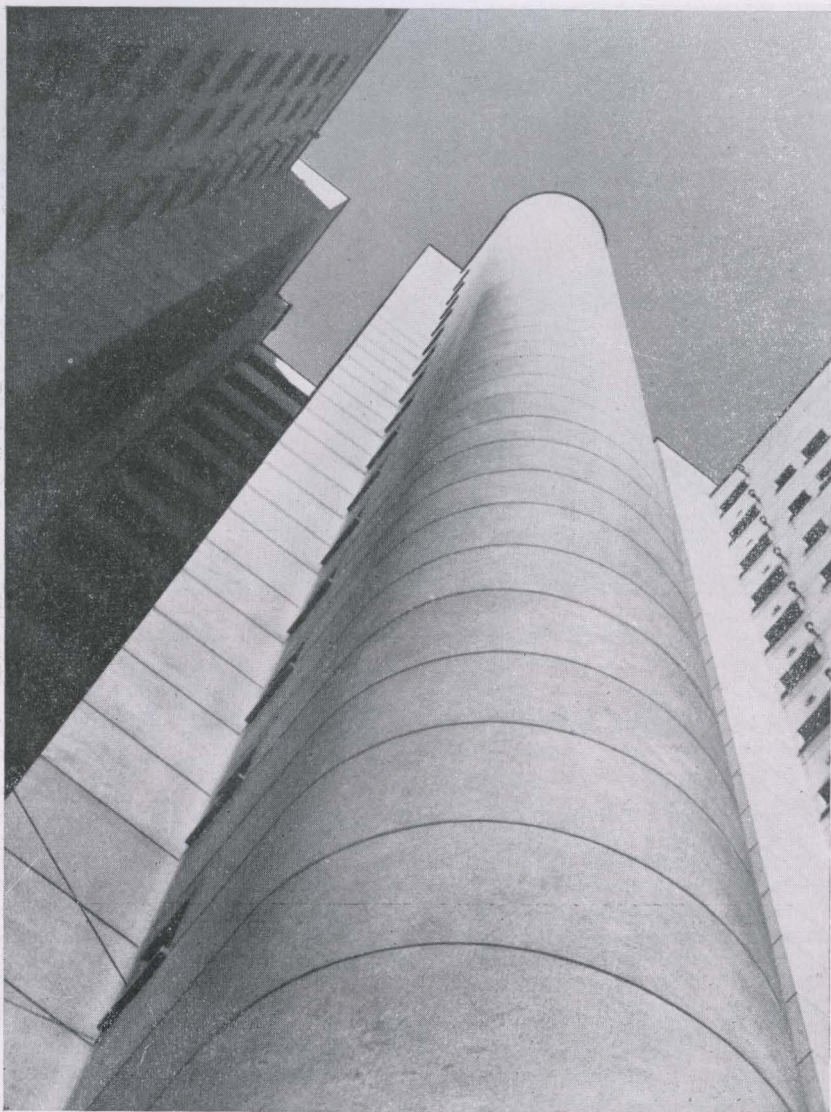
O Sr. H. J. Johnson, do "P. S. A. Journal" com a agradável notícia dêsse êxito, nos enviou também os comentários dos julgadores — Sra. Rita Connolly (diretora da secção de "Camera Clubs" de "The Camera"), Whit Hillyer (diretor da secção de "Camera Clubs" do "Popular Photography") e H. J. Mitchell (professor de jornalismo) — sobre o nosso Boletim. Reproduzindo-os, asseguramos aos nossos leitores que tudo faremos para continuar a merecê-los de futuro. Eis os comentários de cada um dos juizes:

"E' difícil de classificá-lo de conformidade com os padrões de boletins, porquanto este é mais do que um Boletim. Um ótimo exemplo, muito bom mesmo, dêste tipo de publicação; entretanto não apresenta algumas informações que julgo poderiam ser utilizadas para uso dos sócios: contudo acredito, naturalmente, que não se torne necessário ao seu Clube apresentar esse material porque a sociedade já é de tal forma expressiva que não se vê deante do problema de precisar atrair novos sócios para fortalecer o clube." NOTA: 87.

"Sempre tem várias fotografias interessantes. A cobertura fotográfica das sessões do Clube e personalidades é especialmente boa. A capa é muito bem feita. Parece um tanto rica de texto, com os longos comentários de página cheia." NOTA: 90.

"Uma publicação muito bem arranjada, com variada e recomendável matéria para leitura. O emprêgo das ilustrações é excelente. Tipograficamente limpo, claro e legível. Todo o formato apresenta a evidência de uma preparação aprimorada na edição. E' este, indubitavelmente, uma das melhores publicações no tipo de revista." NOTA: 85.





"ASCENÇÃO"
Kazuo Kawahara

(Do Concurso Interno de Outubro)



Alguns dos excursionistas posam para "FOTO-CINE".

Excursão a Poços de Caldas

Aproveitando o feriado de 15 de novembro e atendendo a um convite do Foto Clube de Poços de Caldas, o F. C. Bandeirante realizou á linda e famosa estância balnearia, proveitosa excursão da qual participaram numerosos associados.

Foi um passeio belíssimo que valeu, além da oportunidade para os excursionistas registrarem alguns valiosos negativos, como uma festa de confraternização inter-clubes, eis que, ali recebeu a caravana bandeirante a visita do Dr. Osmani Emboaba e Exma. Sra., Diretores do Foto-cine Clube de Ribeirão Preto e do Sr. Alexandre Messias, Presidente do Foto-cine Clube de Campinas que se fazia acompanhar de seus familiares e vários outros associados.

Em Poços de Caldas promoveram os bandeirantes a exibição da Secção "Color" do último Salão, despertando a sessão, realizada no Salão nobre do "Palace Hotel", grande interesse, a ela comparecendo numerosos interessados e associados da entidade local.

* * *

Aproveitando a estadia ali dos associados daquelas agremiações, promoveu a Prefeitura

ra local, sob o patrocínio do Foto Clube de Poços de Caldas, um interessante concurso sobre a cidade, ofertando valiosos prêmios aos autores das fotografias classificadas nos três primeiros lugares de ambos os temas em que se sub-divide o concurso, a saber: a) cenas típicas de Poços de Caldas e b) paisagens da cidade e arredores. Os concorrentes poderão apresentar até 4 fotografias em cada tema, acompanhadas de uma cópia em 9x12, brilhante, para efeito de clichéria e sob pseudônimo. O prazo para apresentação dos trabalhos, encerrar-se-á a 29 de fevereiro de 1952, podendo quaisquer outros esclarecimentos serem obtidos na secretaria do Clube.

* * *

O Foto-Cine Clube Bandeirante consigna, por nosso intermedio, o seu agradecimento aos colegas do F. C. de Poços de Caldas e especialmente ao seu digno e operoso Presidente, Sr. Moacir de Carvalho Dias, pelas atenções e gentilezas dispensadas aos excursionistas que, desnecessário seria dizê-lo, voltaram encantados, da aprazível cidade montanheza.



À mesa, durante o banquete, vemos (da esquerda para a direita) os Srs. Frank Luini, ex-presidente da PSA, Manuel Ampudia, Presidente do Club Fotográfico de México e Angel de Moya, Presidente do Club Fotográfico de Cuba.

A CONVENÇÃO DA P. S. A. DE 1951

(Do nosso correspondente nos Estados Unidos, RAY MIESS)

Conforme fôra programado, realizou-se de 10 a 13 de outubro, em Detroit, Michigan, a Convenção anual da P. S. A. (Photographic Society of America), de 1951. A afluência foi a maior da história da Sociedade — cerca de 1.800 pessoas presentes. O aspecto internacional foi abrilhantado pelas representações de Cuba, Finlândia, México e uma extraordinária delegação do Canadá.

O programa foi dos mais interessantes, incluindo demonstrações a cargo de cada uma das divisões da P. S. A. — Pictórica, Cores, Cinema, Natureza, Foto-jornalismo, e Técnica — alguns dos quais combinados entre si. Foi realizada também uma excursão a Windsor, no Canadá, e a Greenfield Village permitiu aos que compareceram, uma variada quantidade de assuntos fotográficos.

A presença e os programas apresentados por algumas das mais destacadas personalidades do mundo fotográfico, como Yousuf Karsh, Maurice Tabard, Fassbender, Underwood, Hunrter, Gibson, Eisendrath, Ter-Louw, Weber, Armstrong, Bovair, Lookanoff, Brown, Briggs, Hogan, Newall, Wright,

etc., deram especial interesse a esta convenção. Concomitantemente, realizou-se a Exposição de Fotografias da PSA, no Instituto de Artes de Detroit, a qual reuniu as fotografias nos setores Artísticos, Natureza, Foto-jornalismo e Técnico. Houve também uma seção para diapositivos em Cores, Natureza e Técnicos e um concurso para cinema com muitos filmes interessantíssimos, de todo o mundo.

Durante a convenção processou-se a eleição do novo Presidente da PSA, para os próximos dois anos, tendo a escolha recaído no Sr. **Morris Karness**, de New York, um fotógrafo e professor muito conhecido.

A convenção foi encerrada com o Banquete anual, ao qual compareceram personalidades de projeção na vida cívica de Detroit, como o Governador de Michigan e vários deputados. A festa terminou com a proclamação dos prêmios e distinções conferidas pela PSA, algumas das quais foram conferidas a membros de terras distantes como a Suécia, Nova Zelândia, Índia, África, etc.

Figuras destacadas do mundo fotográfico compareceram à Convenção da PSA, algumas das quais vemos nesta série de instantâneos: a) a conhecida autora Barbara Green — FPSA, com o Cel. C. J. Perry, Diretor dos Port-folios Internacionais da PSA; b) "Pops" Jordan, decano dos autores norte-americanos e colaborador de várias revistas especializadas, em palestra com Yousuf Karsh, o famoso retratista canadense; c) Fred Quellmaz Jr., editor do "PSA Journal" e Ray Miess, Vice-Presidente da "Pictorial Division" da PSA e nosso correspondente nos Estados Unidos.



Atividades Fotográficas no País

Foto-Cine Clube Pontagrossense

Segundo comunicado que acabamos de receber dessa prestigiosa Entidade, foi eleita e empossada a Diretoria que deverá conduzi-la até outubro de 1952, a qual ficou assim estruturada: Presidente:— Adão R. Felde; Vice-presidente — Ovidio B. Ribas; 1.º Secretário — Daisi Durski; 2.º Secretário — Elzír Lacerda; 1.º Tesoureiro — Maurício Wagner; 2.º Tesoureiro — Severino Francisco Ribeiro; Bibliotecário — Emanuel Santos; Diretor de Excursões — Enéas Ludgero; Diretor de Intercâmbio e Propaganda — Viviane Durski e Ottokar H. Hoeldtke; Diretor de Concursos — Hamylton Holanda; Diretor de Laboratório e Técnica — José Sermann e Ary Araújo; Diretor de Cinema — Carlos Jendriek; Diretora do Departamento Feminino — Lúcia Silveira; Vogal — Dr. Jorge Silveira; Conselho Fiscal: Luiz Ariosto Cunha, Dr. Eolo Doná e Prof. Heitor Kitzel. Cumpre salientar que o sr. Adão R. Felde foi reeleito pela quarta vez, o que expressa significativamente o prestígio que o mesmo desfruta no meio fotográfico de Ponta Grossa, em virtude da dedicação e acerto com que se tem havido na direção da Entidade.

o o o

Foto Cine Clube de Barretos

Acaba de ser fundada essa agremiação de fotógrafos de Barretos, cuja primeira diretoria, recém-eleita, ficou assim constituída: presidente — Olivier W. Heilland; Vice-presidente — Emilio José Pinto; secretários — Olímpio Campos Aguiar e João Batista dos Santos; Tesoureiro — José Tedesco. O sr. Olivier W. Heilland, adiantado cultor da Arte Fotográfica é membro do Foto Cine Club Bandeirante, de cujas atividades vem participando há vários anos.

o o o

Foto Club Blumenau

No dia 5 do corrente foi eleita e empossada a nova Diretoria do F. C. Blumenau que deverá reger os destinos da sociedade até novembro de 1952. São seus componentes: presidente — Rolf Ehlke; Secretário — J. H. Reuwsaat; Tesoureiro — Feliz Machado da Luz.

Foto-Cine Clube de Campinas

Prepara-se essa agremiação para inaugurar brevemente o II Salão Campineiro de Arte Fotográfica. Dada a projeção da entidade promotora e o elevado nível artístico de seus membros, estamos certos do pleno êxito que caracterizará o certame.

o o o

Cine Foto Clube de Ribeirão Preto

Acha-se franqueado ao público, o 2.º Salão Internacional de Arte Fotográfica promovido por essa prestigiosa agremiação. A solenidade de inauguração do certame estiveram presentes altas autoridades, elementos de escol da sociedade local e de São Paulo, falando na ocasião os srs. Eudoxio Manço, presidente da entidade e Plínio Santos, do Departamento Cultural da Prefeitura. O Salão consta de trabalhos dos mais renomados fotógrafos locais, bem como de São Paulo, Campinas, Marília, Santos, São Carlos, Porto Alegre, Curitiba, Pelotas, Rio, Vitória, além de alentada representação de artistas de outros países.

o o o

Associação dos Cinegrafistas Amadores

Acaba de ser fundada em Recife, por um grupo dos mais destacados aficionados do cinema amador, a Associação dos Cinegrafistas Amadores, cujo programa de atuação é dos mais brilhantes. Dando início às suas atividades a agremiação recém-fundada está dando publicidade a um jornal especializado e que constitui o seu órgão oficial de divulgação.

o o o

A Objetiva

Este é o título da revista que vem sendo editada pelo Cine-Foto Clube de Ribeirão Preto e cujo primeiro número tivemos o prazer de compulsar. Trata-se de uma revista atualizada, abordando palpitantes assuntos pertinentes à fotografia em seus múltiplos aspectos, fartamente ilustrada e com amplo noticiário sobre as atividades clubísticas. Denota o esforço digno de exemplo, dos nossos companheiros de Ribeirão Preto, aos quais apresentamos os nossos efusivos cumprimentos e os votos de uma trajetória brilhante.

Flagrantes colhidos durante o julgamento do II Salão Campineiro, vendo-se: 1) — O Dr. M. Van de Wyer, pres. da FIAP, entre os srs. Alexandre Messias e Eduardo Salvatore, presidentes, respectivamente, do F. C. C. de Campinas e F. C. C. Bandeirante; 2) — O Dr. Salvatore, rodeado por membros do júri e associados do F. C. C. C., tece considerações sobre um dos trabalhos.



O BANDEIRANTE NO EXTERIOR

Novos êxitos está colhendo a fotografia brasileira nos salões europeus, através das selecionadas representações do F. C. C. Bandeirante, as quais vêm merecendo as mais elogiosas referências. Damos abaixo os resultados dos renomados e antigos Salões da Escócia (no qual o Brasil se faz representar pela primeira vez) e de Paris, a saber:

35.º Salão da Escócia

Com um total de 27 trabalhos admitidos, de 16 autores, ficou assim constituída a coleção bandeirante:

Também aqui o Brasil esteve magnificamente representado com os trabalhos de associados do F. C. C. Bandeirante, cuja coleção está assim constituída: "Revisão noturna" e "Marcha Ré" de F. Albuquerque; "Grupo de pescadores" de T. J. Farkas; "Fruta do mato" de F. B. M. Ferreira; "Prece" de M. Fiori; "Leque" e "Os sinos da capela" de R. Francesconi; "Composição", "Visão paulista" e "Visão nordestina" de G. Gasparian; "Cenas quotidianas" de G. Lorca; "Ao cair da tarde" e "Após a tempestade" de P. S. Mendes; "Sem destino", "O tropeiro" e "Entardecer" de A. F. Nuti; "Silhueta" de M. Otsuka; "Don Garcia" de F. Palmerio; "Três palmeiras", "Inspiração", "Dentro da noite" e "Reflexos" de E. Salvatore; "Vertigem" de A. Souza Lima; "Um negócio" de A. S. Victor; "Composição" e "Modêlo" de R. Yoshida. Figura também no certame nosso consócio José Oiticica Fº., do Rio de Janeiro, e integrante do F. C. B. e da ABAF com 3 provas.

39.º Salão de Paris

"Ponte para o desconhecido" e "Sombras de ontem e de hoje", de M. Laert Dias; "Ensaio de ballet" e "Casino de Pampulha", de T. J. Farkas; "Roda gigante" e "Lava-deiras", de A. M. Florence; "Os sinos da capela", de R. Francesconi; "Visão paulista", de G. Gasparian; "Composição geométrica", de N. Kojranski; "Sans abri", de R. Landau; "Horizonte perdido" e "Viela", de J. Lecocq; "Arquitetura moderna", de G. Lorca; "Arquitetura", de G. Malfatti; "Noventa anos", de M. Moreira; "Marcos de uma época", de N. S. Rodrigues; "Quando a cidade dorme", "Manhã brumosa" e "No amanhecer da vida", de E. Salvatore; "Chicara de café", de E. Sato; "Paz" e "Janela fechada", de S. Trevelin; e "Vida no deserto", de A. S. Victor. Total: 23 trabalhos de 16 autores.

V Mostra de Retratos e Figuras de Bologna (Itália)

Um dos mais renomados certames, dedicada exclusivamente a retratos, figuras e nús, dele também participou o Bandeirante com pequena mas selecionada representação, que após os trabalhos de seleção, ficou assim constituída: "A espera", de J. Agostinelli; "Estudo", de F. Albuquerque; "Pretos na janela", de T. J. Farkas; "Varredor", de R. Francesconi; "Triste fado", de G. Gasparian; "Tempo de crise", de E. Salvatore; "Nu - I", de A. Souza Lima; "Soldado", de P. S. Takalama; e "Contra-luz", de J. Yalenti. O catálogo reproduz os trabalhos de Salvatore, Souza Lima e Agostinelli.

NOVOS SÓCIOS

Na última reunião da Diretoria foram aprovadas as propostas, para ingresso no quadro social do F. C. Bandeirante, dos seguintes aficionados: inscrições ns. 912, José Galdão; 913, Leonel Sérgio Salvadori; 914, Alfredo Casella Junior; 915, Hisashi Iwama; 916, Bruno Ulrich Naegeli; 917, João José de Azevedo; 918, Ivo de Azevedo Marques Barretti; 919, Adolpho França Filho, de Guaratinguetá; 920, Walter von Kutzleben; 921, Paulo Tsuchehiko Tanaka; 922, Edgard Pietraroia; 923, Dr. Mario Ferreira Braz; 924, Dr. Oscar Pereira Machado; 925, Dr. Nicolau Filizóla; 926, Carlos Moscovitch; 927, Victorino Rodrigues da Silva Junior; 928, Moacyr Lazzaro; 929, Harry Adler; 930, Itabira Loreto Spenciere, de Goiânia, Goiás; 931, Rubens Passaro; 932, Anacleto Donati; 933, Jerzy M. Kornbluh; 934, José Penna; 935, Dr. Moacyr Cunha; 936, Paulo Reis de Magalhães; 937, Antoni Pierzchalski; 938, Pedro Birkenstein; 939, Amadeu Gachido; 940, Christovam Panes; 941, Apollo Silveira; 942, Cezar Yasbek Junior; 943, Mauricio Bueno de Miranda; 944, Akira Abe, de Olímpia; 945, Mario Girotti; 946, Virgilio Andrade Junior; 947, Manoel Xavier Dantas; 948, Roberto Parravicini; 949, Alberto Nicolau Farhat; 950, Dr. Nassim Féres; 951, José Mauro Pontes; 952, Demétrio Vieira Danese; 953, Orlando Martins Leite; 954, Paulo Tamm Figueiredo; 955, Dr. Joubert Santos; 956, Luiz Perissé Duarte; 957, Ialmar Castello; 958, José Paschoal e 959, Denis S. Gonçalves.

CONCURSOS INTERNOS

Os últimos concursos de 1951

Conforme temos noticiado, serão realizados em novembro e dezembro, os últimos concursos da série de 1951, respectivamente sob tema Livre e sob o tema "SIMPLICIDADE", encerrando-se as inscrições, como de costume, no dia 20 do mês respectivo.

Concurso Extraordinário

Como não podia deixar de ser, tem o Clube sua atenção voltada também para os festejos comemorativos do 4.º Centenário da Cidade, em 1954. Desde já, porém, principia a mobilizar os seus associados, e assim é que procurando documentar o que é a nossa Capital, instituiu um concurso extraordinário, para ser realizado durante 1952, em data a ser oportunamente designada, tendo por tema "CENAS DA CIDADE".

O Calendário para 1952

A Diretoria do F. C. Bandeirante já organizou o calendário dos concursos fotográficos internos para 1952, o qual encerra concursos dos mais interessantes e que darão margem aos associados para enfrentarem múltiplos problemas técnicos e artísticos que lhes serão sumamente proveitosos. E' o seguinte o calendário:

janeiro	—	Tema livre
fevereiro	—	"Textura"
março	—	Tema livre
abril	—	"Figuras ambientadas"
maio	—	Tema livre
junho	—	"Arvores"
julho	—	Tema livre
agosto e setembro	—	Não haverá concursos inter-nos com a realização do XI SALÃO INTERNACIONAL DE S. PAULO
outubro	—	"Formas"
novembro	—	Tema livre
dezembro	—	"Solidão".

CALENDRÁRIO DE SALÕES INTERNACIONAIS DE 1952

Pelo Diretor de Intercâmbio foi organizado o calendário abaixo dos salões internacionais a se realizarem durante o ano de 1952, e aos quais o F. C. Bandeirante deverá se fazer representar. Os consocios que desejarem participar das remessas coletivas deverão entregar os seus trabalhos ao Diretor de Intercâmbio, até as datas limite respectivas, constantes do quadro abaixo.

Nessa relação foram incluídos, de preferência, os salões promovidos por entida-

des congêneres que mantêm intercâmbio com o F.C.B. e que se realizam anualmente, o que não impedirá de, á relação serem acrescentados, posteriormente, outros certames ou salões promovidos por associações amigas ou que venham a iniciar relações com o Clube.

Assim também, está o Clube á disposição das demais entidades congêneres nacionais que desejarem se utilizar de suas remessas coletivas para enviar trabalhos dos respectivos associados.

N.º do Salão	Denominação — Local — País	Circuito	Data de entrega no Clube
10.º	ALBERT I - CHARLEROI, Bélgica		30 novembro
19.º	WILMINGTON - EE. UU.		5 dezembro
21.º	FILADELFIA - EE. UU.		10 dezembro
6.º	MENDOZA - Argentina		30 dezembro
38.º	PITTSBURGH - EE. UU.		5 janeiro
11.º	BARCELONA - Espanha - (Agr. Fot. Cataluna)	Panticosa, Madrid	10 janeiro
4.º	WASHINGTON - EE. UU.		20 janeiro
	C. S. - Inglaterra (Combined Society)	Lincoln, etc	10 fevereiro
10.º	BIENNAL - TURIM - Itália		15 fevereiro
5.º	S. SEBASTIAN - Espanha	Zaragoza	1 março
5.º	MYSORE - BANGALORE, India		15 março
8.º	BUENOS AIRES - Argentina		20 março
6.º	LUXEMBURGO -		5 abril
5.º	DINAMARCA		10 abril

III Concurso Cinematográfico Nacional para Amadores

Como nos anos anteriores o Foto-Cine Clube Bandeirante fará realizar, em fins do corrente ano, o III Concurso Cinematográfico Nacional para Amadores.

Os preparativos para o tradicional certame foram já iniciados e estamos agora em plena fase de execução do concurso, encarando com grande otimismo a participação dos cinegrafistas do país, cujas realizações vem constituindo agradável surpresa aos estudiosos do cinema não profissional.

Cabe-nos, antes de mais nada, deixar definitivamente esclarecido um detalhe e que se relaciona com a participação de concorrentes que, ao lado de sua atividade como amador, também exercem aquela de profissionais, realizando ou trabalhando em filmes comerciais, assim entendidos, todos aqueles que são vistos nas programações das casas de espetáculo ou de cunho propagandístico. Assim, pois, nenhum filme poderá ser aceito como trabalho "amador", si contiver detalhes que, a critério da Comissão Julgadora possam constituir elementos de cunho comercial ou de propaganda, revelando ter sido contratada por terceiros a execução do mesmo.

Portanto, qualquer profissional poderá participar do Concurso, inscrevendo todos aqueles filmes que tenham, como característica, sua execução livre de quaisquer injunções financeiras à cargo de pessoas ou firmas e que representem, unicamente, a livre realização do autor em tão extensa do diletantismo amadorístico.

A orientação aprovada e que vamos adotar doravante, visa esclarecer definitivamente um detalhe que tem sido ponto de divergência, quer por parte dos concorrentes, quer ainda por parte de outros que acompanham o certame e que julgam ter a Comissão incorrido em erro de apreciação, colocando em mesma plana — amadores e profissionais — o que, no entender deles, prejudica sensivelmente aos primeiros.

Aguardamos agora, a participação dos concorrentes e formulamos votos para que obtenham eles os mais expressivos resultados, contribuindo para o desenvolvimento das atividades cinematográficas em nosso país, concretização de uma sadia mentalidade neste

interessantíssimo e proveitoso setor artístico e aprimoramento técnico daqueles que se dedicam ao mesmo.

O regulamento — O regulamento, como nos anos anteriores, obedece em linhas gerais a regulamentação adotada nos concursos internacionais de cinema amador e substanciados pela U. N. I. C. A. e pela P. S. A..

Assim é que serão admitidos filmes em 16 e 8 mm., divididos em 4 categorias:

- a) filmes de enredo
- b) filmes documentários
- c) filmes experimentais
- d) filmes científicos.

Não haverá limite de filmes para cada amador, nem qualquer restrição quanto à metragem, podendo os filmes ser em branco e preto ou em côr, mudos, sonoros ou sonorizados.

Valiosos prêmios — Vários prêmios serão conferidos aos melhores filmes apresentados nas várias categorias, e além dos prêmios oficiais, teremos também valiosos prêmios extras, entre os quais anotamos a "Taça A GAZETA" para o melhor filme do certame, Taça "A GAZETA ESPORTIVA" para o melhor filme sobre esportes, e a "TAÇA BANDEIRANTE" para o melhor filme colorido.

O Juri de Seleção — O juri de seleção será composto de aficionados e críticos de reconhecida competência, tendo sido já designados os Srs. Francisco Luís de Almeida Salles, pelo Museu de Arte Moderna, Flavio Motta pelo Museu de Arte, e Agostinho Martins Pereira, Aldo A. de Souza Lima e Armando Nascimento Jr. pelo Foto-Cine Clube Bandeirante.

O prazo para inscrições — As inscrições para o concurso serão encerradas imprevelmente no dia 31 de janeiro do corrente ano, devendo os trabalhos, acompanhados do boletim de inscrição competente, ser entregues na secretaria do Foto-Cine Clube Bandeirante, á R. Avanhandava 316, nesta Capital.

Os boletins de inscrição e regulamento do concurso já estão sendo distribuídos, podendo quaisquer outros esclarecimentos ser solicitados também á Secretaria do Clube ou pelo telefone 32-0937.

OPORTUNIDADES

Esta secção acha-se à disposição dos amadores ou profissionais interessados na compra, venda ou permuta de aparelhos ou materiais foto-cinematográficos, sendo os pequenos anúncios cobrados à razão de Cr.\$ 50,00 para o máximo de 4 linhas. Para os sócios do Clube e assinantes do Foto-cine, a inserção de um pequeno anúncio mensal será gratuita.

ACESSÓRIOS em geral para fotografia pelos melhores preços. Esmaltadeiras 50x60, tipo plana, tôda de ferro "Fontamac", esmaltadeiras 30x40, 45x60, curvas, refletores, roletes, placas cromadas, marfinites, intermediários para filme rígido, etc.. Não aceite imitações. FONTAMAC, Rua Francisca Miquelina, 190 - Fone: 33-5628.

VENDE-SE "Paillard-Bolex", 16 mm. equipada com lente normal Switar 1.1.4, grande angular Yvar 1.2.8, Tele-objetiva Yvar 1.2.5, visor para títulos, parasol especial, 4 filtros originais: vermelho, verde, laranja e amarelo, Tripé "Broadway" com cabeça giratória, letreiro completo, também para coloridos. Preço Cr\$ 20.000,00 - Tratar com **Arnaldo**, tel. 34-9149, das 13 às 18 horas.

ARTIGOS fotográficos e cinematográficos, acessórios em geral para amadores e profissionais, temos sempre em estóque. Visite-nos sem compromisso. SIMON KESSEL Rua Cons. Crispiniano, 404 - 2.º and. - s/211.

VENDE-SE uma LEICA dotada de objetiva Sumitar 1:2, acompanhada de uma obj. Elmar 1:4, f. 9 cm., uma obj. Hectar 1:4, f. 13,5 cm., um visor universal ótico, um visor iconométrico, parasol, 5 filtros, com bolsa para todos os acessórios. Preço: Cr.\$ 13.000,00. Tratar com Pugliese, fone: 51-7110.

VENDE-SE flash eletrônico MACHOT, francês, novidade, pesando 4,5 quilos, completamente novo. Garantido para 32.000 disparos sem troca de lâmpada. Carga na corrente elétrica. Preço: Cr.\$ 7.000,00. VOIGTLANDER 6x9, com obj. Skopar 1:4,5, compur, dupla tiragem, estado de nova. Preço: Cr.\$ 2.000,00. ROBOT, com obj. Biotar 1:2, nova. Preço: Cr.\$ 3.500,00. Câmera Paillard 16 mms., torre com três objetivas. Preço: Cr.\$ 9.000,00. Tratar com Laert, na sede do Clube.

VENDE-SE uma objetiva Sumitar 1:2, azulada, para Leica. Preço: Cr.\$ 3.500,00. Tratar com Dr. J. Mendes, fones: 32-0012 e 51-9624.

KOSMOS FOTO
ARTIGOS E SERVIÇOS
FOTOGRAFICOS, CINEMATOGRAFICOS

RUA SÃO BENTO 288,
TEL.: 2-5882
SÃO PAULO

MAR CUS

The advertisement features a central diamond-shaped graphic with the text 'KOSMOS FOTO' and contact information. Surrounding this central area are several line drawings of photographic and cinematographic equipment, including cameras, lenses, tripods, and film reels, all set against a dark background.

Segurança Industrial

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

FUNDADA EM 1919

CAPITAL REALIZADO : — Cr. \$ 4.000.000,00

SEGUROS :— Incêndio, Acidentes do Trabalho, Acidentes Pessoais, Ferroviários, Rodoviários, Marítimos, Aeronáuticos, Automóveis, Roubo e Responsabilidade Civil.

Reservas Estatutárias e Extraordinárias até 31/12/50 — Cr. \$ 45.371.304,40
Sinistros pagos até 31/12/50 — Cr. \$ 318.129.682,30

PRESIDENTE

ANTONIO PRADO JUNIOR

MATRIZ : Avenida Rio Branco, 137 — (Edifício Guinle)
End. Telegr.: "SECURITAS" — RIO DE JANEIRO

SUCURSAL EM SÃO PAULO : Rua Boa Vista, 245 - 5.º andar
Prédio Pirapitinguí — Telefones :— 32-3161 a 32-3165

J. J. ROOS — GERENTE - GERAL

A MAIOR GARANTIA EM SEGUROS

BONS CLICHÊS

PARA OBTER



P *ertualidade*
recisão
erfeição

FORTUNA & CIA. L^{DA}

Clichês

RUA JOÃO ADOLFO, 93 - FONE 32-3492
SÃO PAULO



FILM

**guarda para sempre
os momentos felizes...**



*S*im. Guarde para sempre os momentos de felicidade... para recordá-los, amanhã, no seu álbum de fotografias. Mas tenha o cuidado de preferir sempre um "bom filme" para obter, também, melhores fotos. Prefira todo material fotográfico e cinematográfico Gevaert, mundialmente famoso pela sua qualidade.

Gevaert filmes  **Chapas — Papéis**

14.010

À venda nas melhores casas do ramo